

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P. C. P. (S. P. I. C.)

GES
PCP

COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL NAS FÁBRICAS E EMPRESAS

A unidade da classe operária é a mais poderosa alavanca da Unidade Nacional, antifascista. A luta da classe operária contra a exploração patronal e fascista está compreendida na luta nacional contra o domínio do governo salazarista de traição. Lutando pelas suas reivindicações, lutando contra a política de fúme do «Estado Novo», a classe operária está no mesmo tempo lutando pelo debilitamento do fascismo, pela defesa da independência de Portugal, contra a ameaça de «cupação» hitleriana. Esta é uma ideia fundamental que os nossos camaradas devem ter sempre presente, para refutarem a propaganda fascista que procura apresentar as lutas da classe operária como contrárias aos interesses de Portugal. É também esta ideia que explica por que falamos de Comitês de Unidade Operária, como sendo Comitês de Unidade Nacional.

As grandes greves de Lisboa mostraram que, em muitas empresas, as células do Partido estão intimamente ligadas às massas, pois, em muitos casos, as células do P. conseguiram, por si só, organizar a luta e mobilizar as massas. Mas, na maioria dos casos, e quando a luta ultrapassou o quadro duma empresa, as células do P., bem como os

organismos de bairro do P., não puderam mais ser senhores do movimento. Isto foi devido, sem dúvida, em parte à inexperiência em movimentos de tal amplitude, das nossas organizações de base. Mas a dificuldade que se manifestou maior para as nossas organizações foi a de **ligar a luta das empresas onde as células do P. conduziram efectivamente a luta, com outras empresas onde os nossos camaradas não souberam encabeçar a luta ou não tiveram um papel preponderante em virtude da debilidade das células.** Se em cada empresa tivesse havido um Comité de Unidade tal como o P. o tem definido, se entre tais comités tivesse havido um contacto estreito e se tivessem mesmo formado Comitês dirigentes com representantes de várias empresas interessadas no movimento — a greve poderia ter ganho uma maior extensão e o fascismo não teria tão facilmente conseguido dominar, um após outro, os movimentos nas várias empresas. Esta experiência indica-nos o caminho a seguir de futuro. A nossa tarefa é organizar, desde já, Comitês de Unidade para dirigir os movimentos reivindicativos. Esses comités podem tomar várias

formas e vários nomes, podem ter uma existência legal, semi-legal ou ilegal. Queremos dar alguns exemplos, esclarecendo que nestes exemplos **não devem ver fórmulas rígidas e esquemáticas mas apenas TIPOS de comités, entre muitos outros possíveis.**

1 — Um comité de unidade numa empresa pode tomar a forma duma **comissão** (composta de operários honestos e combativos, sejam comunistas, anarquistas, republicanos, católicos, sem partido ou mesmo legionários) para fazer uma reclamação junto do patronato, S. N., organismos corporativos, etc. Uma tal comissão terá evidentemente uma existência legal, não utilizando o nome de «comité» e agindo abertamente, sendo a sua existência conhecida das massas e do patronato. Em muitos casos, tais comissões podem ser **eleitas** pelas próprias massas e devem fazer tudo para que as massas suportem diariamente a actividade desses organismos e criar a ideia de que **as massas têm o direito de exigir delas uma actividade intensa em defesa dos seus interesses**, bem como **o dever de apoiar a sua acção**. Deve criar-se nas massas a ideia de que se os membros das comissões forem vítimas de medidas repressivas da policia ou do patronato (prisão, despedimento), as massas lutarão para que essas medidas sejam anuladas, ou seja, neste caso, pela libertação ou readmissão desses camaradas.

2 — Isto significa que, no desenvolver da própria luta, as comissões, sendo verdadeiros organismos combativos, **podem ter de ir além da legalidade**, dando

indicações às massas da forma como devem agir e desenvolvendo assim uma actividade que não deve ser conhecida do patronato, mas apenas pelos elementos mais sérios da fabrica ou empresa. Nesse caso, tais comissões, embora tendo uma existência e actividade legais, desenvolvem ao mesmo tempo uma actividade que vai além da legalidade de fascista. Isto é: tais comissões serão **semi-legais**.

3 — Outros casos se podem dar. Pode, por exemplo, ser vantajoso numa empresa, que a comissão legal tenha exclusivamente uma actividade legal e que se crie um outro Comité de Unidade, formado também sem atender às convicções políticas ou religiosas, **para dirigir a luta nas suas formas superiores**. Isto aliás será a regra sempre que a luta atinja formas superiores, como a greve ou mesmo a suspensão temporária do trabalho. Neste caso, os Comités de Unidade serão verdadeiros comités **ilegais, com existência ilegal**. Mas, mesmo assim, para que possa orientar devidamente a luta, deve estar ligado às massas, deve ter o apoio dos trabalhadores da fabrica ou empresa, embora estes não saibam precisamente **quem são os componentes do Comité, ou ignorem mesmo a sua existência**. O comité deve levar as suas directrizes até às massas, por intermédio de operários honestos e com prestígio (que podem ser os próprios membros do comité), que as divulguem entre as massas e se assegurem de que estas apoiam as suas directivas.

Entretanto, as células do P. de

TRABALHO CAMPONÊS A MOBILIZAÇÃO DOS CAMPONESES

NEM sempre se tem encarado de uma maneira prática e objectiva a mobilização e organização da classe camponesa.

A sua mobilização e organização não é tanta impossível como alguns camaradas querem fazer acreditar para esconder a sua impotência. O que é necessário e indispensável é que eles saibam encontrar as formas práticas de resolver este problema.

Na maioria dos casos os nossos camaradas procuram materializar esta tarefa começando por onde deviam terminar. Assim, alguns camaradas começam por tentar captar para o movimento revolucionário, indivíduos sem qualquer experiência de luta e por métodos absolutamente conspirativos, acabando geralmente por desistir confessando a «impossibilidade» de tal tarefa.

Se, pelo contrário, esses camaradas entrarem para organizações de massas em que predomine a massa camponesa, tais como: sociedades de recreio, grupos desportivos, de chiquilhó, etc., e aí, «baixando» a sua qualidade de «pessoas finas» procurarem interessar-se pelos seus problemas acamaraando e estabelecendo laços de amizade e simpatia, veremos esses camaradas gozarem da confiança das massas camponesas, e, assim, a sua tarefa meio realizada.

Claro, isto só não basta. É preciso saber aproveitar esta simpatia e confiança num sentido político. Isto é, ao interessarem-se pela vida e problemas das massas camponesas devem saber insinuar a uns e aconselhar a outros as formas práticas

e viáveis da sua realização, alentando-os com os êxitos obtidos fazendo-lhes compreender que eles são o resultado do seu esforço na luta e desmascarando o fascismo e as autoridades fascistas quando fracassados, alentando-os e estimulando-os a continuar a luta até à vitória.

Naturalmente, tudo isto não se conseguirá sem esforço e os militantes devem dar provas de persistência e habilidade. Em conversas não forçadas devem fazer todo este trabalho procurando não lhe dar um carácter ilegal e sectário.

Há no entanto uma tendência que deve ser combatida: a inclinação muito frequente em muitos camaradas de exercerem a sua acção de esclarecimento e mobilização, não fundamentando-se nos problemas presentes e de interesse imediato das massas camponesas, mas sim nos problemas futuros mais ou menos longínquos. Esta é uma tendência errada que exerce uma influência geralmente oportunista nas massas levando-as a **esperar** por um futuro melhor para o qual nada contribuíram.

Casas do Povo

É para as Casas do Povo que os nossos camaradas devem chamar a principal atenção das massas camponesas. É neste sentido que se deve dirigir o principal do nosso esforço. É conhecida a relutância dos camponeses para com estas organizações fascistas e tanto maior é a sua relutância, quanto é certo que eles não compreendem a importância que estas podem desempenhar na luta contra o fascismo.

Cabe aos nossos militantes fazerem compreender às massas camponesas essa importância.

Não será tarefa simples. Os nossos camaradas terão de lutar contra a resistência e aversão dos camponeses. É necessário fazer-lhes compreender que só será em resultado da sua luta que as Casas do Povo porão em prática os fins para que foram criadas. A instrução dos camponeses e de seus filhos, a previdência e assistência (auxílio em casos de doença, desemprego, inhabilidade e velhice), os progressos locais (abertura de trabalhos tendentes a debelar a crise, como abertura de comunicações, serviços de águas, higiene pública, etc.) assim como outros benefícios, só

serão uma realidade através da luta nas Casas do Povo.

A organização partidária

No desenvolvimento desta luta e entre os elementos que mais se destacuem pela sua actividade, honestidade e dedicação nós devemos procurar constituir a organização partidária. Será com a experiência da luta, com a experiência política e revolucionária adquiridas dentro do Partido, que estes elementos se farão verdadeiros activistas do nosso Partido.

As organizações do Partido já existentes entre os camponeses devem-se exigir que a sua actividade seja dirigida no sentido exposto neste artigo.

O PARTIDO E A JUVENTUDE

Já por mais de uma vez colocamos aos nossos militantes a necessidade de encararem com a devida atenção o movimento juvenil mas, embora o custe dizer, até hoje ainda não se fez qualquer coisa de positivo no sentido de se acabar de vez com o subestimar a actividade juvenil.

É principalmente nas fileiras da juventude onde o fascismo recruta os seus destacamentos de choque. Combatendo a subestimação do trabalho de massas entre a juventude trabalhadora, tomando todas as medidas efectivas para acabar com o carácter cerrado das organizações dos jovens comunistas, os Partidos Comunistas devem contribuir por todos os meios para agrupar as forças de todas as organizações não-fascistas de jovens, e especialmente as organizações de jovens dos sindicatos, de coopera-

tivas, etc., sobre a base da mais ampla frente única, indo até à criação de toda a classe de organizações comuns para a luta, contra o fascismo, contra a espantosa expoliação da juventude de todos os seus direitos e sua militarização, pelos interesses económicos e culturais da jovem geração». (Resolução a base do discurso de Dimitrov ao VII Congresso da IG).

Impõe-se, pois, que os militantes do P. já onde se lhes apresentem condições para uma acção juvenil, se esforcem por criar formas de luta para os jovens, se esforcem por organizar os jovens na luta pelas suas reivindicações imediatas. Para isso é preciso que, lá onde a FJC não tenha nenhum quadro ilegal, os camaradas do P. passem a dirigir os movimentos juvenis, destacando inclusive um ou mais camaradas para a direcção do trabalho juvenil.

É preciso que, à medida que os camaradas do P. vão criando ou destacando elementos para a direcção do movimento juvenil, os ponham em ligação com a direcção da FJC para que haja assim uma maior unidade no trabalho.

O desenvolvimento da actividade juvenil é dum grande importância para o movimento revolucionário em geral. O P. será tanto mais forte quanto mais largo for o trabalho juvenil.

«O Congresso da IC concedeu uma atenção especial ao movimento juvenil como um dos mais importantes problemas do movimento internacional, com a plena cons-

ciência de que a vitória da luta de classes dos trabalhadores, depende do desenvolvimento justo e eficaz do movimento juvenil e do seu entusiasmo de massas». (Dimitrov, Discurso ao VI Congresso da IJC).

É tempo, pois, de os camaradas de P. começarem a olhar com a devida atenção o trabalho juvenil, é tempo de compreenderem a necessidade de ajudarem a desenvolver e a alargar o trabalho juvenil em estreita colaboração com os militantes da FJC, lá onde ela tenha quadros ilegais, e inteiramente dirigido pelos organismos do P., lá onde a FJC não tenha qualquer quadro ilegal.

FALTA DE GÉNEROS

A situação é cada vez mais grave. As massas cada vez mais vão perdendo o receio e tornam-se mais frequentes as manifestações de protesto.

Por outro lado os governantes fascistas tentam «solucionar» a situação, isto é, tentam evitar as bichas e aglomerações, não tomando medidas para que os géneros apareçam com a abundância necessária ao abastecimento normal, mas substituindo uma espécie de racionamento que permita que os ricos possam abastecer-se livremente e o governo possa enviar para o «exterior» maiores quantidades.

Compete ao Partido e aos seus militantes desmascarar esta política de traição nacional e organizar a resistência da população.

Sendo as donas de casa as que mais sofrem com a falta de géneros, pois são elas as que têm de permanecer horas intermináveis nas bichas e são elas também que se

vêm em apuros para confeccionar as refeições para os seus maridos, filhos, etc., é junto destas que a nossa acção mais se deve fazer sentir.

Como realizar esta tarefa?

Esclarecendo e orientando as nossas familiares e amigos dos processos de luta mais aconselháveis para cada caso. Intervindo nos protestos públicos que com frequência se verificam, especialmente nas bichas, sugerindo as formas práticas de luta. Organizando com as mulheres que se mostram mais decididas Comissões que fiscalizem os estabelecimentos depois de ser anunciada a terminação dos géneros, que oriente os assaltos aos assambradores, que nas terras pequenas se avistem com as autoridades para que seja resolvida a situação, que impeçam a saída dos géneros necessários à população local, etc.

(Continua na Pag. seguinte)

COMITÉS de UNIDADE NACIONAL

(Continuação da Pag. anterior)

(Continuação da Pag. 2)

vem constituir a força propulsora desses comités, devem orientar o esclarecimento e a acção das massas em relação a esses comités (quando não haja inconveniente em que as massas conheçam a sua existência); devem mostrar às massas a força que ganham com a unidade. Os nossos camaradas devem inclusivamente fazer parte desses comités.

Mas não é só para os movimentos reivindicativos operários que devem ser constituídos Comités de Unidade. Devem ser constituídos Comités de Unidade Nacional para dirigirem tôdas as outras lutas e movimentos populares contra a política fascista. Em outros números de «O Militante», abordaremos outros aspectos deste problema.

«Devemos preparar incansavelmente a classe operária para mudar rapidamente as formas e métodos de luta quando mude a situação. A medida que o movimento se desenvolve e que se reforça a unidade da classe operária, devemos ir mais longe, preparar a passagem da defensiva à ofensiva contra o capital, orientando-nos para a organização duma greve política de massas.»

(Dimitrov, no VII Congresso da IC)

Por lapso, «O Militante» de Maio saiu com o n.º 18, q.º não devia ser 19.

Só com uma acção activa e decidida dos nossos militantes e organizações, destes e muitos outros problemas de interesse geral, o Partido será verdadeiramente a vanguarda dos trabalhadores, o defensor dos explorados e oprimidos de Portugal.

«Devemos aprender a aproximarmô-nos das massas com cautela e paciência especiais para sermos capazes de compreender as características específicas e especiais da psicologia de cada camada, profissão, etc., dessas massas.»

(Lénine, Obras Escolhidas, Ed. inglesa, vol. X, pag. 170)

«O que é queimenta a disciplina do partido revolucionário do proletariado? O que é que a disciplina? O que é que a fortaleza? É, em **primeiro lugar**, a consciência da vanguarda proletária, a sua dedicação à revolução, o domínio de si mesma, o seu espírito de sacrifício, o seu heroísmo. É, em **segundo lugar**, a sua aptidão em se aproximar da massa dos trabalhadores, da massa proletária antes de tudo, **mas também** da massa laboriosa **não proletária**; em se ligar, em se fundir, até certo ponto, com ela. É, em **terceiro lugar**, a rectidão da direcção política, realizada por esta vanguarda, a justiça da sua estratégia e da sua tática políticas, com a condição das massas se convencem in disse **pela sua própria experiência.**»

(Lénine, «A Doença Infantil»)